



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da VII Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

Brasília – DF, 03 de dezembro de 2007

Meus queridos brasileiros e brasileiras, ainda adolescentes ou crianças, que estão participando pela primeira vez desta Conferência, com a envergadura e a responsabilidade de adultos, porque ela tem um caráter deliberativo.

Quero cumprimentar o companheiro Arlindo Chinaglia. É muito gratificante, Arlindo, que o presidente da Câmara dos Deputados esteja presente para que a gente possa demonstrar para este povo que veio aqui, de todos os estados brasileiros, que não apenas a Câmara ou o Poder Executivo, mas que a Câmara e o Poder Executivo, juntos, têm a responsabilidade de fazer com que não apenas a lei seja aperfeiçoada, mas que as ações das políticas públicas do governo possam atender o mais rapidamente possível aquilo que todos nós, como pais, sabemos que é preciso para cuidar dos nossos adolescentes.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Paulo Vannuchi, nosso secretário especial dos Direitos Humanos,

Quero cumprimentar o nosso ministro da Educação, que tem feito um esforço imenso, primeiro com a aprovação do Fundeb, depois com a aprovação do PDE, que é o nosso plano para a educação. O que nós queremos na verdade, é tentar fazer a revolução que falta fazer neste País, garantindo, senão amanhã, mas que daqui a alguns anos a educação brasileira seja de tamanha qualidade, que a gente possa competir em igualdade de condições com qualquer país desenvolvido do mundo.

O PDE tem várias coisas a serem regulamentadas, várias coisas a serem



votadas no Congresso Nacional e é importante que a gente trabalhe junto com os nossos deputados e senadores, para que a gente possa votar.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Patrus Ananias, nosso companheiro ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que é inclusive o companheiro que propôs que nós introduzíssemos a extensão do Bolsa Família para as crianças de 15 a 17 anos de idade neste País, para que elas fossem incluídas, e as mães receberem.

Quero cumprimentar o companheiro Dulci. O Dulci está ali, o primeiro da fila. Eu disse para o Paulinho Vannuchi, Dulci, que ele tem a obrigação de amanhã ou depois de amanhã, enquanto estiver aqui, você poder falar para este público aqui qual é a nossa proposta de política para a juventude, para atender 4 milhões e 200 mil jovens neste País. E nós estamos com um pequeno problema, Dulci, por isso que eu estava fazendo sinal para você, ali. É porque nós mandamos um projeto de lei para o Congresso Nacional, já tem a verba no Orçamento, e se a lei não for aprovada até agora, significa que a gente não vai poder utilizar a verba. Eu estava dizendo para o Arlindo, que quem sabe fosse uma boa decisão dele me orientar para que eu retire o projeto de lei e faça uma medida provisória, para a gente começar a gastar o dinheiro já no começo de janeiro. É importante, mas é muito importante, Arlindo. Não tenha preocupação com a medida provisória não, porque ela é muito importante, senão nós vamos perder alguns milhões ou bilhões que estão destinados para cuidar da juventude, sobretudo aquela juventude que já tem mais de 17 anos, que já deixou a escola, que abandonou a escola. Essa, nós precisamos trazê-la de volta. É uma coisa quase sagrada para o Brasil esse programa.

Quero cumprimentar o nosso governador Wellington Dias, nosso querido governador do Piauí, que certamente marcará a história pela sua governança no estado do Piauí.

Quero cumprimentar Carmem Silveira de Oliveira, presidente do



Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente,

Quero cumprimentar a senhora Tiana Sento-Sé, presidente do Fórum Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente,

Eu não vou mais cumprimentar porque ele já falou aqui, aquele baixinho que falou, curvado, aqui no microfone, o nosso companheiro Paulo Sérgio Pinheiro,

Quero cumprimentar o José de Anchieta Júnior, vice-governador do estado de Roraima, que está aqui presente,

Quero cumprimentar a Marie-Pierre, do Unicef, representante da Unesco e de outras agências da ONU,

Quero cumprimentar os dois gigantes que falaram aqui, a Luana e o Diego. Eu só espero que a Luana e o Diego, nesse caminho que eles vão, não queiram, daqui a pouco, quando completarem 18 anos: “Eu quero ser candidato a vereador”. Eu já vi o jeitinho.

Quero cumprimentar vocês,

Eu vou dar uns dados aqui, que eu acho que os companheiros já têm, Paulinho, você já tem, mas eu acho importante a gente citar para concluir com uma palavra que eu quero ter, no final, com vocês.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, dos 9 mil e 500 adolescentes que cumpriam medidas de internação no ano de 2002, 97% eram afrodescendentes, 90% não haviam concluído o ensino fundamental e 51% não freqüentavam escola. Sessenta e seis por cento dos jovens internados viviam em famílias com renda mensal de até dois salários mínimos, e 12,7% viviam em famílias que não possuíam nenhuma renda mensal.

A concretização dos direitos humanos de crianças e adolescentes é uma resposta aos setores que defendem a redução da maioria penal e o aumento do tempo de internação. O governo federal entende que a inclusão social, com o programa de aceleração da cidadania, dá melhores resultados. O



Paulinho falou de outubro, a nossa secretária falou de outubro, mas é importante lembrar que nós estamos assumindo o compromisso de, até 2010, investir 2 bilhões e 900 milhões de reais para a gente resolver esse problema que eu acho muito importante, que é o da Agenda Social Criança e Adolescente.

E porque foi possível isso? Antes, cuidar da criança e do adolescente estava ligado, dentro do governo, à questão da Secretaria dos Direitos Humanos. O que nós fizemos? Mudamos. Ao invés de ficar apenas a Secretaria dos Direitos Humanos, nós pegamos todos os Ministérios que tinham alguma coisa a ver com a criança e com o adolescente: o Ministério da Saúde, da Educação, do Trabalho e Emprego, Justiça, Desenvolvimento Social, Esporte, Cultura, Secretarias Especiais dos Direitos Humanos, de Políticas para as Mulheres e de Políticas da Igualdade Racial. Juntamos todos os Ministérios, fizemos a rapa do tacho em todo o dinheiro que tinha em cada um deles e criamos um programa de verdade, um programa que tem cara e um programa que tem dinheiro. E por ter dinheiro, aumenta a nossa responsabilidade. Eu digo sempre, Paulinho, toda vez que a gente coloca muito dinheiro, é importante criar um conselho gestor para ajudar a fiscalizar o investimento, porque senão a gente coloca dinheiro, termina o mandato e o dinheiro não foi gasto.

Uma outra coisa importante, Paulinho, que ainda não está aqui é a questão dos benefícios que nós queremos levar para as regiões metropolitanas mais empobrecidas do País, sobretudo na área onde a gente percebe que há uma presença de maior violência e maior ausência do Estado brasileiro. Dos 40 bilhões de reais que nós colocamos para cuidar do PAC na área de saneamento básico e urbanização de favelas, a nossa idéia é que – junto com o Programa, inclusive do Pronasci, do Ministério da Justiça, – na hora em que a gente subir o morro levando água, levando esgoto, fazendo rua, junto a gente tem que levar escola, junto a gente tem que levar área de lazer, junto a gente



tem que levar curso profissionalizante para que a gente possa dar a todas as pessoas o sentido de que o Estado brasileiro está presente, cumprindo com a sua parte.

Hoje eu discuti três coisas importantes: como a gente atacar, de pronto, uma coisa importante no Rio de Janeiro, Manguinhos; como a gente atacar o Complexo do Alemão e como a gente atacar Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. São quase 1 bilhão de investimentos que têm que ir junto com essas coisas que vão melhorar e dar sentido à existência de uma criança que tem que brincar, que tem que ter acesso à escola com facilidade, que não pode ser amedrontada por alguém. Hoje eu tenho consciência e digo isso para vocês. Certamente, naquele tempo a gente não era preso porque o mundo era menor, era menos violento e a gente tinha, quem sabe, uma formação mais de família. Mas eu sei que uma coisa nós não vamos deixar, pelo menos enquanto eu for presidente da República, que é jogar a culpa da violência numa criança ou num adolescente, por uma razão muito simples, Paulo Sérgio: se um adolescente recebesse dos pais boa educação, tivesse uma casa confortável, tivesse uma sala, tivesse um computador e os jogos de videogame que ele quisesse, pudesse tomar café, lanchar às 9h, às 11h, às 12h, às 15h, às 17h, e ainda pudesse pedir uma pizza à meia-noite, ainda assim, se ele pudesse ter tudo que ele quisesse, ainda que ele cometesse um erro, não é justo a gente imaginar que o castigo é que vai resolver o problema daquele adolescente. Muitas vezes, o erro não está no adolescente, o erro está na ausência do Estado e, quem sabe, na má-educação que os pais estão dando dentro de casa.

Pois bem, o que aconteceu no Pará, Paulinho, é abominável. Não é possível a gente contar porque parece uma coisa de ficção. Um delegado ou vários delegados prendem uma criança, acreditam na idade que ela dá, não tem nenhuma investigação. Não importa se é menor ou se é maior. Se fosse uma senhora de 70 anos, ainda assim ela não poderia estar na mesma cela



com os homens. Esse delegado se formou em Direito, e pelo fato de ter se formado em Direito, ele deveria ter um mínimo de conhecimento de regras legais. Se ele levasse para uma cadeia uma criança ou uma velha, e só tivesse uma cela para homem, ainda assim, se ele fosse bem formado e se o banco de escolaridade valesse na formação do caráter das pessoas, ele teria pegado aquela mulher, teria dado a cadeira dele e teria ficado em pé, porque ele estaria fazendo aquilo que uma pessoa de bem faria neste País. Mas, o que ele fez? Ele viu aquilo como algumas pessoas vêem no Brasil: essa menina é um objeto e esse objeto tem que ser jogado às traças.

Agora, é importante Paulinho, que a gente trabalhe com a certeza de que ainda tem gente no Brasil, Paulinho, ainda tem gente neste País, que não se deu conta de que essa meninada que está com 8, 10, 13, 14, 15 anos, aqueles mais velhos que estão com 17, 18 ou 19 anos, até aqueles que tem 25 anos, que estão hoje sem oportunidade e sem esperança, as pessoas precisam compreender que o Estado brasileiro, nesses últimos 25 anos, não cumpriu a sua lição de casa e não fez com que esses jovens tivessem um outro caminho. É só olhar a política econômica deste País, é só olhar as políticas sociais dos últimos 30 anos que a gente vai perceber porque tem tanto jovem de 24 anos na cadeia hoje. É porque no momento em que ele deveria ter oportunidade, ele não teve. No momento em que ele precisava receber carinho, recebeu pancada. No momento em que ele precisava receber conselho, recebeu voz de prisão. Aí, o mundo vai ficando deformado, num processo de degradação da estrutura familiar.

Eu digo todo dia, sem medo de errar: se a gente olhar parte da programação dos meios de comunicação neste País, sobretudo da televisão, a gente vai se perguntar: em que momento vai ter alguma coisa educativa na televisão para a gente poder assistir, para a gente poder aprender? Eu espero que, com a TV digital, a gente tenha oportunidade. Vai ter vários canais, canal para o Ministério da Educação, canal para o Ministério da Saúde, vai ter uma



TV Pública federal. A gente vai poder ter uma programação e utilizar a cultura e a educação para ajudar na formação das nossas crianças e dos nossos adolescentes.

Eu quero terminar dando os parabéns a vocês, aos brasileiros e às brasileiras que muitas vezes, sem ganhar nada, que muitas vezes sendo achincalhadas, que muitas vezes sendo atacadas, as pessoas se dedicaram a apostar que se cada um de nós fizer o mínimo de esforço, a gente pode transformar este País numa nação muito mais justa, muito mais humana e numa nação de que a gente possa ter orgulho, não apenas de nós, mas das nossas crianças.

Eu quero desejar a todos vocês boa sorte neste Congresso. Não tenham medo de deliberar, não tenham medo de propor. Aproveitem que este governo ainda tem três anos, e aquilo que for possível fazer, podem estar certos de que, para nós, gastar com criança, com adolescente e gastar com pobre não é gasto, é investimento. E nós faremos isso.

Um abraço.